

O ENSINO DE ARTE: CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM

1. ALEX SANDRO TOMAZINI
MESTRE
UNIVERSIDADE BRASIL
alextomazini@bol.com.br

2. PATRICIA CARDOSO AUGUSTO BARBOSA
ESPECIALISTA EM ALFABETIZAÇÃO
FACULDADES INTEGRADAS GUARULHOS
patriciacardoso2010@hotmail.com

RESUMO

Há diversas formas de arte, entre elas a música, a dança, o teatro, as artes visuais e a poesia são elementos da cultura de uma sociedade e estão muito presentes na vida das pessoas. Enfim, a arte esta no nosso meio e nas aulas mais criativas e elas que contribuem para desenvolvimento do lado cognitivo estimulando sua imaginação. A escola deve considerar a arte como meio de aprendizagem e conhecimento, pois as artes constituem elementos que despertam e expressam sentimentos, sentidos, imaginação e criação. A sociedade, assim como a escola, está acostumada a encará-las somente como lazer e entretenimento. O ensino da arte apresenta papel muito importante no processo de aprendizagem, promovendo de maneira significativa o desenvolvimento humano. O aluno que se encontra em contato com esta disciplina consegue dimensionar seus sonhos, melhorar seu potencial comunicativo, fortalecer vínculos afetivos, valorizar as cores e as formas, e aumentar o interesse pelos conteúdos artísticos e musicais, aspectos fundamentais para os indivíduos que desejam buscar o sentido da vida. Este estudo tem o objetivo de pesquisar o papel que a arte desempenha na educação de crianças e verificar se a arte pode contribuir para um aprendizado que considere a expressão e a autonomia do aluno. O estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica. Em síntese, conclui-se que a arte é conhecimento e elemento de grande importância para o processo de educação de crianças, pois possibilita a construção de conhecimentos embasados na sensibilidade, na criatividade e na

expressividade, e indica um caminho de superação do aprendizado baseado na codificação e cópia de informações.

Palavras chaves: Arte; Criança; Educação; Escola.

1. INTRODUÇÃO

A arte é um conceito difícil de definir, pois há inúmeras possibilidades de definição. A arte registra idéias e as ideologias de culturas e etnias, sendo assim, ela se torna fundamental para a compreensão da história da humanidade e do mundo.

Segundo Nascentes (1988), a palavra ARTE, que vem do Latim ARS, significa Técnica e/ou Habilidade e é geralmente entendida como uma atividade humana que é ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, a qual é realizada a partir da percepção, de emoções e de ideias.

Duarte Jr. (1985) afirma que a arte é sempre uma criação de formas, as quais podem ser classificadas como estáticas ou dinâmicas. Entre as formas estáticas há, por exemplo, o desenho, a escultura e a pintura e como exemplo de formas dinâmicas, pode-se citar a dança, o teatro, o cinema, a música etc.

O autor ressalta, ainda, que a arte adquire significados também no âmbito sentimental, pois tem o poder de instigar sentimentos. Assim, a arte pode manifestar-se por meio de um grito, de um gesto, ou do choro, estabelecida de forma harmônica.

Desse modo, as aulas de Artes podem ajudar o aluno a desenvolver suas habilidades, capacidades, imaginação, percepção e criatividade, mostrando que através da arte pode inventar coisas. A arte tem papel fundamental na vida do ser humano, pois ela procura através das tendências individuais, ampliar a formação do gosto, estimula a expressividade, a sensibilidade e a inteligência. A arte na escola não se preocupa em formar artistas, mais com o caráter de formação do aluno.

A arte está presente na vida do homem, diariamente, seja na dança, na música, na pintura, na literatura, na arquitetura, no teatro, no hip hop dos garotos, ou no grafite dos muros, entre outras representações. Assim, de alguma forma, a arte se faz presente no cotidiano, mesmo que não se perceba.

A sociedade está acostumada a vivenciar a arte somente como lazer e entretenimento, e, muitas vezes, como algo inútil. Pode-se observar através dos currículos das escolas, onde a educação artística é menosprezada.

Há a necessidade de se incorporar, na educação das crianças de hoje, sentidos, sonhos, expressão própria e criação, que é construído através da arte, seja como artista ou espectador.

A sociedade atual, em constante transformação em todos os setores das atividades humanas, não leva os indivíduos a refletir sobre os acontecimentos ou sobre si mesmos. A arte tem a função, dentre tantas outras, de superar os limites do tempo.

A escola tem o papel de oferecer aos alunos oportunidades de aprendizado através do conhecimento, objetivando o desenvolvimento intelectual e cognitivo do aluno. Dessa maneira, as atividades escolares são fundamentais para a construção da identidade de acordo com os valores e princípios da democracia e cidadania.

Portanto, as várias formas de arte podem facilitar o entendimento dos conteúdos programáticos tradicionais, além de promover o desenvolvimento humano.

1. OBJETIVOS

Com a intenção de se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico, apoiando-se nos autores que defendem uma educação de qualidade e compromissada dentro, sobretudo, da educação e a arte que promove o desenvolvimento cognitivo do educando.

2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizaremos como metodologia o estudo bibliográfico de livros, revistas e de artigos científicos publicados na plataforma Scielo, este estudo apresenta uma abordagem teórica, com investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções.

REVISÃO DA LITERATURA

A arte tem um papel importante no processo de educação da criança por incorporar sentidos, valores, expressão, movimento, linguagem e conhecimento de mundo, em seu aprendizado. A arte é uma linguagem que se manifesta de várias formas, ou seja, pela dança, música, pinturas, esculturas, teatro, entre outras; em todas as suas formas, sejam elas dinâmicas ou estáticas, a arte sempre expressa ideias e sentimentos, isto é, sempre tem algo a dizer.

Para Gullar (2006), o mundo que o artista cria parte das suas experiências, daquilo que ele consegue enxergar no mundo, na sua cultura. Sendo assim, a arte parte sempre de dentro do indivíduo, trazendo uma bagagem de sentimentos, interesses, valores e conhecimentos.

Froebel (1782-1852), educador alemão, influenciado por um ideal político de liberdade, criou um jardim de infância, em 1837, considerado, por ele, como um espaço onde as crianças e os adolescentes estariam livres para aprender sobre si e sobre o mundo. Em seu método pedagógico, utilizou-se da música para educar as sensações e as emoções; enfatizava a participação em atividades de livre expressão através da música, dos gestos e montagens com papéis e argila. Para Froebel, tais atividades possibilitavam que a criança expressasse seu mundo interno, como forma de conseguir ver-se e, assim, modificar-se, através da auto-observação (OLIVEIRA, 2007).

Outro precursor foi Pestalozzi (1746-1827), educador que sustentava, em sua pedagogia, uma educação preocupada com a afetividade da criança. Segundo ele, assim como na família, a bondade e o amor são essenciais no ato de educar. Utilizou-se de atividades musicais e de outras formas de artes para adaptar seu método aos diferentes níveis de desenvolvimento dos alunos (OLIVEIRA, 2007).

Para Freinet:

A livre expressão facilita a criatividade da criança, no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais. Eis aí um começo seguro para

a conquista de uma vida adulta (FREINET apud SAMPAIO, 1994, p. 30).

Desse modo, é claro a contribuição desses pedagogos para a sociedade, a conscientização da necessidade de uma educação formal e de que essa educação deve se basear em atividades e experiências que propiciem a reflexão e a autonomia do aluno, por tratar-se de uma aprendizagem significativa.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a educação Infantil se compõem de três volumes. De acordo com Filho (2001), o referido documento não possui caráter mandatário, mas se constitui de sugestões para professores que atuam em instituições de educação infantil. Desse modo, cabe às equipes pedagógicas das instituições à decisão de incorporar ou não as proposições apresentadas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a educação das crianças deve se dar em um contexto capaz de propiciar às crianças o acesso a elementos culturais que contribuem para o desenvolvimento e para a interação das mesmas na sociedade. Somente um processo educacional embasado na interação social poderá contribuir para a construção da identidade do indivíduo, pois se fundamenta no desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo.

Ávila e Silva (2003) ressaltam que a música é inerente à natureza do homem. Desde recém-nascido, o indivíduo começa a emitir sons e a organizá-los como pequenas melodias. Também o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) aponta que, precocemente, a criança estabelece contato com a música, por meio das canções de ninar, cantoladas por membros da família, por exemplo. Sendo assim, já na mais tenra idade, em seu cotidiano, a criança internaliza noções de linguagem musical, as quais passam a fazer parte da sua bagagem de conhecimentos. Neste sentido, Ávila e Silva lembram que:

A música não é um fator externo em relação ao homem provém do seu interior, é inerente à sua natureza. Ela está presente em todo universo, inspirando a expressão musical humana. Trata-se de uma *segunda linguagem materna*. Por esse motivo, toda criança tem direito a uma educação musical que lhe possibilite desenvolver o potencial de comunicação e expressão embutido nessa linguagem (ÁVILA e SILVA, 2003, p. 76).

Conforme o RCNEI, as atividades musicais direcionadas às crianças de 0 a 3 anos devem objetivar a audição de diferentes tipos musicais, visando ao desenvolvimento da percepção, da discriminação dos sons, da imitação e reprodução de sons e da invenção e criação de enredos musicais. Já em relação às crianças de 4 a 6 anos, pretende-se que explorem e identifiquem elementos da música para que se expressem, interajam e ampliem seu conhecimento de mundo, através da improvisação, interpretação e até composição de enredos musicais. Os conteúdos dentro da educação infantil em relação à música devem respeitar os níveis de percepção e desenvolvimento das crianças.

Para Ávila e Silva (2003), as atividades com música favorecem o trabalho desocialização, pois as crianças terão que cantar, de forma coletiva, interagindo com o outro nas de cantigas de roda. Elas estarão exercitando textos e ordenando pensamentos com as letras das músicas. Essa interação possibilitada pela expressão musical coletiva facilita e estimula relações de amizade.

Segundo Moreno:

A construção da capacidade de criação na infância é uma forma da criança manifestar a sua compreensão da realidade que o cerca, de exercitar sua inteligência ao criar, alterar, organizar e reorganizar elementos plásticos, é uma construção do ser humano. Na sua interação com o mundo, ela vivencia inúmeros contatos com experiências estéticas que envolvem idéias, valores e sentimentos, experiências estas que envolvem o sentir e também o pensar e o interpretar. Portanto a linguagem visual faz parte da formação integral do indivíduo e não pode ser desconsiderada no contexto da educação infantil (MORENO, 2007, p.44).

No processo de criação, a criança faz escolhas, envolvendo suas experiências pessoais, ou seja, ao criar, ela relaciona o que aprendeu, em sua interação com as pessoas, com a natureza e com o mundo. Neste processo, segundo Duarte Jr. (1985), o educando elabora os seus próprios sentidos em relação ao mundo. Luna e Bisca, ao comentar a utilização de atividades artísticas no âmbito escolar, ressaltam que:

Valorizada como área de conhecimento, é também na arte que encontramos a liberdade para sentir e pensar criativamente nossa história, nossos laços afetivos e cognitivos, concretizando em formas e cores os sentimentos, as emoções e as conquistas (LUNA e BISCA, 2003, p. 129).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais concebem a arte como objeto de conhecimento e como um conjunto de manifestações simbólicas de uma cultura, e fazem uma ligação entre a ciência e a arte, ao descrever que “para um cientista uma fórmula pode ser ‘bela’, para um artista plástico, as relações entre a luz e as formas “são problemas a serem resolvidos plasticamente” (PCN - Arte, 1997, p.27). Neste documento, aborda-se, entre as várias manifestações artísticas existentes, a música, a dança, as artes visuais e o teatro.

As artes incorporam um grande acervo de conhecimentos necessários à formação do indivíduo, contribuem para desenvolvimento expressivo, comunicativo, criativo e cognitivo e favorecem a interação social, fatores indispensáveis para o processo de educação na infância.

Um dos desafios a ser superado é a questão da falta qualificação dos professores para ensinar arte. Para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, não há necessidade de ser licenciado em artes. A Resolução n. 7 de 14 de dezembro de 2010 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, estabelece em seu artigo 31 que:

“Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes”

Este preceito, embora esteja em consonância com este nível de ensino, já que o Pedagogo está habilitado para ministrar aulas de todos os componentes curriculares do ensino fundamental, é desafiador na medida em que ainda é recorrente certa fragilidade na formação do professor em relação aos saberes de

Artes o que passa a “significar a desqualificação [...] pela fragmentação e pela simplificação dos conhecimentos próprios da área (SUBTIL, 2011, p.250).

[...] continua no terceiro milênio a indefinição do que é, para que serve e como o conhecimento artístico pode ser praticado nas escolas. A constatação é a de que a área constitui-se em “terra de todos e de ninguém”, isto é, se todas as disciplinas podem trabalhar com arte então qualquer coisa pode assumir o estatuto artístico (SUBTIL, 2011, p.250).

Em geral, os professores que ensinam arte são escolhidos por demonstrarem alguma familiaridade com a área (sabem fazer artesanatos, gostam de dançar, gostam de cantar, são expansivos e comunicativos, etc.) o que não é garantia de aulas de qualidade.

A maioria dos professores, ao ser designada para a arte participa de cursos de atualização e reciclagem promovidos pela própria Secretaria de Educação ou por outras instituições públicas e particulares. Dessa forma, tenta dar conta do recado, embora se saiba que, na verdade, cada um trabalha “com aquilo que sabe”, porque no senso comum todos são “prendados em alguma coisa” e isso basta como qualificação para este ensino (SUBTIL et al., 2013, p.3).

O professor tem importante papel a desempenhar, sobretudo no que diz respeito a sua responsabilidade enquanto formador humano, atribuição que transcende a simples transmissão de conteúdos.

[...] a criança está em constante assimilação de tudo aquilo com que entra em contato no seu meio ambiente; compete ao professor de Arte saber lidar com os fatos em sala de aula, constituindo a sua metodologia de trabalho. O que é observado e percebido nos passeios, nos caminhos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, nos programas de rádio e televisão, está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis. A tarefa do professor de Arte é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças (FERRAZ; FUSARI, 1999, p.49).

O professor não é somente o produto, o resultado de um curso de licenciatura. A formação do professor não se constrói de uma só vez, mas é um processo constante, contínuo, que se dá ao longo da sua formação e da sua atuação como professor, da sua vivência na prática, assim como, nas relações e desafios que encontra em seu trabalho com as crianças, nas necessidades visíveis e não-visíveis que elas apresentam ou deixam transparecer em seus comportamentos, e na conscientização progressiva sobre o que é realmente importante que as crianças vivenciem, aprendam e construam como sujeitos da história e da cultura.

Outro aspecto que precisa ser apontado trata-se das visitas às exposições, que em geral são raras e quando acontecem são destituídas de sentido, não havendo uma preparação e/ou estudos prévios o que acaba por contribuir para promover um esvaziamento de conteúdo e em muitos casos, “a viagem de ônibus [acaba sendo] mais significativa para as crianças do que a apreciação das obras de arte (BARBOSA, 2013, p.172)”.

Para tanto, é necessário que o professor busque conhecer obras de arte, a vida dos artistas, o contexto em que essas obras foram criadas, suas características mais marcantes, assim como, é preciso conhecer as diversas técnicas utilizadas em pintura, desenho, escultura e, da mesma forma, na música, na dança e no teatro.

A escola tem a sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo. A escola não é somente um espaço para aprender a ler, escrever e fazer contas. Assim, é preciso que a escola se comprometa com a educação das crianças, ou seja, que proporcione experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento.

No entanto, isso só será possível no espaço escolar, se os seus educadores também passarem por esse processo, pois “o caminho da maturidade parece afastá-los do ser poético – precisam ser sensibilizados para que possam resgatar em si, o ser da poesia, o olhar sensível, a expressividade, o potencial criador.” (DIAS, 1999, p. 178).

Dessa forma, o professor estará ampliando seu entendimento sobre as diversas formas de arte, sensibilizando assim o seu olhar estético, permitindo-se novas experiências e potencializando a sua criação. Dias ressalta ainda que:

É preciso criar em nossos educadores o gosto pelo belo, pela arte, estimulando-os a frequentar museus, galerias de arte, centros culturais, espetáculos de música e dança. Dessa maneira estaremos contribuindo para a democratização do conhecimento e para a formação pessoal do educador que conseqüentemente, repercutirá na relação estabelecida por ele com seus alunos na qualidade do trabalho pedagógico por ele desenvolvido (DIAS, 1999, p. 188, 189).

E apesar de ter sido um avanço a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394/1996 incluir a Arte como disciplina. A arte continua ocupando um lugar secundário em detrimento de disciplinas consideradas “mais importantes”.

Segundo Moreno (2001), para se compreender o que é o conhecimento, é possível apoiar-se em variadas perspectivas, entre elas: a filosófica, a psicológica e a histórica. Conforme Sousa apud Moreno (2001), a perspectiva filosófica entende que o conhecimento é o resultado da apropriação, pelo homem, de dados empíricos e de ideias, na busca de entendimento da realidade.

Na perspectiva de Piaget (1980), o conhecimento configura-se como uma construção contínua de mediação entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o meio físico e o social. Nessa ação, o indivíduo constrói novas estruturas mentais, estabelecendo condições e capacidades próprias de conhecer.

Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações. No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto.

Nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes plásticas, na dança, no teatro, na música, e na produção de poesias. As Artes constituem atividades pelas quais o indivíduo é estimulado para a criatividade, a qual se acentua com a prática.

A transmissão de conhecimentos ou informações permite que se conheça o que ainda não se conhecia. Não se pode negar que parte dos conhecimentos aprendidos e que um dia foram construídos, são transmitidos por pais, professores e amigos, conhecimentos estes que são alvo de indagações e de dúvidas, mas que, muitas vezes, são repassados, erroneamente, como verdades absolutas.

Incluir a arte no processo de ensino de crianças é um recurso eficiente para que o aluno desenvolva suas capacidades criativas. Entretanto, embora os precursores da educação de crianças tenham propagado, há muito tempo, ideias inovadoras de educação, que incentivam a criatividade e a espontaneidade, e muitas propostas de inserção da arte na educação tenham sido apresentadas, tais questões têm sido discutidas, há bem pouco tempo, no Brasil.

De acordo com Tozetto (2005), a sociedade vive um conflito entre o útil e o agradável, o que leva o homem a fazer separações entre sentimentos/emoções e raciocínio/conhecimento intelectual, e a refletir que as emoções podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual do homem. A escola, assim como a sociedade de modo geral, trabalha a favor dessa ideia, reservando pouco espaço, tempo e oportunidade para fluência de sentimentos e emoções, prejudicando, desse modo, o desenvolvimento integral do homem.

Para Duarte:

A arte se constitui num estímulo permanente para que nossa imaginação flutue e crie mundos possíveis, novas possibilidades de ser e sentir-se. Pela arte a imaginação é convidada a atuar, rompendo o estreito espaço que o cotidiano lhe reservava. (DUARTE JR, 1985, p.67)

Segundo Mosquera (1976, p. 121), o objetivo maior do ensino, por meio da arte, para as crianças, “é a compreensão e o valor da criança como ser criador”. Sendo a criação um ato espontâneo, de livre expressão, partirá sempre da autonomia do indivíduo. Portanto, propiciar o ato criativo é desenvolver a autonomia. Em seu significado, autonomia pressupõe uma libertação, uma independência, ou seja, ser autônomo é não mais estar preso ao que é dos outros, à cópia, à repetição; para ser autônomo, o indivíduo necessita muito mais do que simplesmente memorizar ou copiar.

Se o processo educacional se estagna no que diz respeito à ideias e propostas de aprendizado, isso implica em pobreza, sua morte, ou seja, ele não terá sentido de existir em uma sociedade que está em constante mudança, mudança esta gerida pelo próprio homem. Tendo a educação a função de possibilitar ao homem o viver e o transformar a sua sociedade, deve-se, então, caminhar para a transformação e não para a estagnação. Reproduzir o que se construiu até hoje, sem proposições de novas criações, acabaria por gerar estagnação social, o que pode traduzir-se como morte.

A educação exerce um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Por essa afirmação, é fácil perceber que o futuro de um aluno que é estimulado, que desenvolve a criatividade e o pensamento crítico, tem perspectivas melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão.

Segundo Kramer (2003), a cultura é uma junção de tradições, costumes, valores, história e experiências que se manifestam por meio das danças, das roupas, da música, das festas etc.

Porém, para tanto, é necessário que a criança tenha oportunidades de desenvolver a criatividade e a expressão livre, e que, neste processo, ela possa se conhecer e conhecer os outros, formando-se integralmente. As artes, em todas as suas modalidades, exploram, inevitavelmente, a expressão, a criatividade, a imaginação, a intuição e a sensibilidade de uma pessoa.

Sem uma base adequada do aluno, o acesso aos próximos anos educacionais vai se estreitando, devido a precariedade dos conteúdos básicos necessários para novos aprendizados, tornando cada vez mais difícil a permanência do aluno na escola, sendo um dos principais motivos da desistência e evasão escolar.

Para Barbosa (2010, p. 35) “[...] somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.”

Na visão de um currículo escolar ideal conceitua-se da seguinte forma:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estariam se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e

seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 2011, p. 36)

Ana Mae Barbosa, a partir de suas pesquisas pelo Disciplined Based ArtEducation (DBAE), propõe uma abordagem metodológica denominada Proposta Triangular, que preconiza um ensino de arte fundamentado em três eixos de ação: fazer artístico, leitura da imagem (obra de arte) e contextualização (história da arte). Segundo Barbosa (1998), para elaborar a Proposta Triangular, ela recorreu à idéia de antropofagia cultural, após analisar as diferentes propostas internacionais. Essa proposta pedagógica busca “resgatar conteúdos que vinham desaparecendo ou sendo mal encaminhados dentro da escola” (Marinho p.47)

Para explicar e justificar o seu conceito com os três eixos (Leitura da imagem - Fazer artístico – Contextualização) ela usa a expressão “alfabetizar para a leitura da imagem”. Só um ser humano, integrante de uma sociedade, que sabe decodificar a linguagem artística, vai poder desenvolver inteiramente sua personalidade histórico – cultural. E para isso é necessário possibilitar o acesso para a Arte para todos, e não só para um grupo privilegiado.

Segundo Dos Santos de Silveira (2010, p. 69-70) a “Leitura de Imagem” entende-se como processo de desenvolver a capacidade de interpretar uma obra de Arte, conhecer e compreender os elementos que a compõe, avaliar a qualidade artística e sua contribuição cultural.

O conceito de “Produção artística” descreve o “Fazer Arte”, aprender técnicas específicas de expressão para o aluno realizar as próprias idéias e desenvolver uma linguagem artística individual.

Já o conceito de “Contextualização” refere-se à História da Arte. Uma interpretação completa de uma obra de Arte inclui relacionar o artista e a obra com as circunstâncias sócio-históricas, em que ela foi criada, “bem como as ideologias que podem estar presentes na criação.” (DOS SANTOS DA SILVEIRA, 2010, p. 69).

A Proposta triangular foi testada de 1987 a 1993 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, através de leitura de obras originais. Uma equipe, formada de doze arte-educadores, explorava a leitura de obras de arte

do acervo do museu com crianças, adolescentes e adultos sem conhecimentos de arte.

Ana Mae Barbosa, na introdução de seu livro de 1978, diz:

É, portanto, pelas origens do preconceito contra o ensino da Arte que iniciaremos nosso estudo, no sentido de procurar entender as razões do desprezo pelas funções da Arte na escola que caracteriza a evolução do pensamento pedagógico brasileiro, e do desinteresse dos artistas, mesmo alguns daqueles que se acham engajados no ensino da Arte, pelas reflexões metodológicas (BARBOSA, 1978, p. 14).

Ana Mae trabalha no sentido do reconhecimento do arte-educador como uma categoria profissional. Segundo Ana Mae, o programa pioneiro foi o festival de Campos do Jordão, onde quatrocentos professores de arte, durante quinze dias, podiam fazer uma escolha por quatro entre vinte e cinco cursos práticos e sete teóricos (BARBOSA, 1991, p. 16).

E de acordo com Barbosa:

Em arte-educação, a Proposta Triangular, que até pode ser considerada elementar se comparada com os parâmetros educacionais e estéticos sofisticados das nações centrais, tem correspondido à realidade do professor que temos e à necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento em que vivemos, respondendo ao valor fundamental a ser buscado em nossa educação: a leitura, a alfabetização (BARBOSA, 1998, p. 35).

Por fim, é importante lembrar que a contextualização, prevista tanto pela Abordagem Triangular quanto pelos PCNs/Arte, “não se refere apenas à apresentação do histórico da obra e do artista, o que se pretende é pôr a obra em contexto que faz produzir sentido na vida daqueles que a observam, é permitir que cada um encontre, a partir da obra apresentada, seu devir artista” (FLAUSINO apud BARBOSA, A. M., 1999, p. 34).

Segundo Borba e Goulart (2007), as obras de arte podem representar muitas realidades, por isso, são formas artísticas que permitem a leitura do mundo.

O professor deve selecionar as obras que considere mais significativas para o que tem em mente e pesquisar sobre a vida dos artistas selecionados, levando materiais sobre os mesmos (como catálogos, livros, CDs) para a sala de aula.

É importante, primeiramente, que as crianças ouçam as histórias de vida dos artistas e conheçam algumas de suas obras. Nesse processo, é fundamental que se busque identificar, nas obras, o que os artistas pretendiam representar e expressar, levando as crianças a observar os materiais utilizados, as cores, as texturas, e a forma como estes foram aplicados em seus trabalhos, e a comparar várias obras para o desenvolvimento da percepção das diferentes técnicas e expressões. Outra etapa importante deste trabalho é a releitura das obras através da elaboração, por parte das crianças, de suas próprias obras, além da elaboração de textos coletivos sobre os artistas e suas obras.

As artes possibilitam o contato da criança com o mundo e as conduzem a um caminho de conscientização e, conseqüentemente, a posturas e atitudes conscientes sobre ele. Luna e Bisca (2003), no texto “Fazendo artes com a natureza”, apresentam uma experiência de união entre arte e meio ambiente, na qual se retira elementos da natureza para utilizá-los em construções artísticas. Com pigmentos de folhas, flores, sementes, cascas de árvores, terra e alimentos em pó é possível fabricar tintas.

Folhas, sementes e cascas podem ser complementadas a líquidos naturais, tais como álcool de cereais, vinagre de maçã ou até mesmo água fervente. Elementos em pó (terras, ou alimentos em pó) podem ser adicionados à cola caseira (farinha e água), à cola branca e à clara de ovo. Para Luna e Bisca:

Manipular e descobrir novas formas de fazer tinta remete a criança às origens, à fonte, à essência, sendo estimulada a questionar o início de tudo, o início das cores, o nascimento das tintas. Esse conhecimento, também fonte de surpresa, alicerça-a culturalmente. (LUNA e BISCA, 2003, p. 135).

Depois de produzidas, as tintas podem ser aplicadas em papéis, tecidos e madeira e ainda podem ser agregadas a sementes, grãos, folhas, areias, frutos e

cascas através de colagem. O envolvimento com a natureza, por meio da arte, faz com que a criança aprenda a dialogar com a realidade que a cerca e construir um olhar de respeito para com a mesma.

Tais atividades são essenciais para o desenvolvimento cognitivo, físico e social da criança e o professor tem uma função importantíssima nesse processo, a função de mediar, conduzir e oferecer os estímulos necessários e adequados para que a mesma vivencie essas experiências de modo significativo.

A criança precisa ser entendida e respeitada em cada fase que vivencia, assim, gradativamente, a criança evoluirá em todos os aspectos, através dos gestos, movimentos e da fala, quando as palavras começam a sair, por exemplo.

Segundo Aroeira (1996), a expressão gráfica da criança inicia-se por volta de um ano e meio, é a fase das garatujas; depois passa pela fase pré-esquemática e a seguir, pela fase esquemática. Na fase das garatujas, os rabiscos são projetados como um ato de busca pelo prazer do gesto. Seguidamente, ele se torna um ato de prazer pelo efeito que o lápis, o pincel ou a caneta realiza no papel, na parede, no quadro etc.

O desenho é a atividade artística que a criança mais realiza. Através dele, a criança desenvolve habilidades motoras, expressivas e cognitivas e representa as experiências vividas e apreendidas no seu dia-a-dia. Segundo Aroeira (1996), neste momento a intervenção do professor é importante no sentido de orientar e acompanhar o desenvolvimento da criança. O professor tem a oportunidade, nessas atividades, de se aproximar de seus alunos e compartilhar experiências, buscando saber o que a criança representou e o que aquele desenho significa para ela. O desenho, assim, possibilita uma conexão entre o real e as representações, o que contribui para a elevação da criação. Desse modo, a criança passa a buscar novas possibilidades expressivas através do desenho.

O desenho da criança expressa a sua subjetividade, carrega sentimentos, sentidos, por isso é importante que o professor propicie momentos para que as crianças expressem, pela fala, o que pretendem dizer através do desenho. Assim, elas compreenderão que fazer arte é expressar sentimentos, opiniões, conhecimento. Neste sentido, Dias comenta:

Permitir que as crianças após realização do desenho possam comentá-lo, descrever suas características, suas intenções, além de perceber detalhes, assim como são capazes de percebê-los em outras situações: a preferência pela utilização de determinadas cores, a temática desenvolvida, a ocupação do espaço da folha; conhecer a produção do outro que alimenta o acervo de imagem de todo grupo (DIAS, 1999, p. 193-194).

O teatro de fantoches também é uma importante representação, pois possibilita a criação de personagens, por meio da manipulação dos bonecos e do desenvolvimento de falas para eles, assim, exercita-se também a oralidade. Neste tipo de atividade pode-se usar, também, a música. Os fantoches possibilitam a produção de textos orais e a sincronia entre os movimentos dos bonecos e as falas. As próprias crianças podem construir histórias e contá-las através dos fantoches. Nesta atividade, as crianças irão inventar, improvisar, expressar-se e criar (NOVA ESCOLA, 2006).

Pallarés (1981) afirma que atividades que envolvem o ritmo e o movimento são importantes para o desenvolvimento físico e psíquico da criança. O movimento é algo que está estritamente ligado à natureza infantil.

Como instrumentos de atividade rítmica, o canto e a música podem ser bastante utilizados na educação infantil. Conforme Pallarés:

Com sua prática se pretende oportunizar a criança vivências de tempo, duração de sons, por meio do acento dos movimentos, utilizando deslocamentos naturais, canções, percussão com instrumentos ou utilizando o próprio corpo, palavras e frases ritmadas (PALLARÉS, 1981, p. 10).

Segundo Ávila e Silva (2003), como elemento musical, o ritmo pode ser entendido pelas crianças através da pulsação do coração, às vezes acelerado e às vezes calmo, lento. Após perceberem que o pulsar do coração possui ritmo assim como a música, é possível que o professor trabalhe o ritmo através de jogos, tais como: cada criança diz o seu nome, uma de cada vez, enquanto o professor marca as pulsações com palmas ou utilizando um instrumento como tambor, pandeiro etc.

Um trabalho possível de ser realizado na educação infantil e no ensino fundamental é a leitura e a elaboração de poesias, outra forma de arte, importante na cultura, porém um pouco esquecida na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte propicia na educação um vasto enriquecimento, passa-se a entender a contribuição e a importância da mesma na vida das pessoas em geral, sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos. A arte favorece o contato das pessoas com a própria cultura e também com outras culturas.

Mesmo diante dos inúmeros impedimentos presentes nas escolas, da desvalorização da arte como área de conhecimento, e da desvalorização do professor, que não é compreendido como agente de transformação social, acredita-se que nada será possível se nada se fizer pela educação.

É importante ressaltar que não se exclui a responsabilidade do poder público para com a educação, este, tem sim o dever de dar seguridade de uma educação de qualidade para nossas crianças, porém, se o professor não cuidar do seu espaço de trabalho, se não o organizar e não o considerar importante, ninguém o fará por ele. Indo mais além, ele não progredirá, ou seja, não alcançará o objetivo de uma educação significativa para as crianças, mesmo que esta seja um direito.

Conclui-se, assim, que o professor pode construir, junto com seus alunos, um espaço fecundo de possibilidades de conhecimentos, de vida e de sonhos, um espaço onde as crianças podem viver profundamente a sua infância, com autonomia e criatividade, de forma ativa e responsável.

Assim sendo, é importante salientar que a Arte representa os valores e a cultura de um povo e, portanto, se difere de região para região do mundo e pode ser representada de diversas formas e expressões e que é fundamental que haja o respeito diante da diversidade.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROEIRA, Maria L. Campos; SOARES, Maria I. B; MENDES, Rosa E. de A.
Didática de pré-escola/ Vida Criança: Brincar e aprender. São Paulo: FTD, 1996.

ÁVILA, M. B.; SILVA, K. B. À. A música na educação infantil. In: NICOLAU, M. L. M; DIAS, M. C. M (orgs). **Oficinas de sonho e realidade: Formação do educador da infância**. Campinas: Papirus, 2003.

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. 2 ed. Brasília, 2007

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BAUMGART, Fritz. **Breve História da Arte**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

BRASIL. **Lei n. 9394 de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República, Ministério da Educação e Cultura.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998.

BRASIL. MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Séries): Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, MEC/ SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIAS, Karina Sperle. Formação estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; GUIMARAES, Daniela; NUNES, Maria F. R.; LEITE, Maria I. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação?** 2ª ed. Campinas: Papirus, 1985.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FILHO, Aristeo Leite. **Proposições para uma educação infantil cidadã**. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (orgs). Em defesa da educação Infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

GULLAR, Ferreira. **Sobre arte, sobre poesia** (uma luz no chão). Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**; sala de aula e formação de professores/ Rosa Iavelberg. Porto Alegre; Artemed, 2003.

KRAMER, Sonia. **Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil e Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In: Infância, Educação e Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2003.

LUNA, W.; BISCA, J. Fazendo artes com a natureza. In: NICOLAU, M. L. M.; DIAS, M. C. M. (orgs). **Oficinas de sonho e realidade**: Na Formação do educador da

infância. Campinas: Papirus, 2003.

MORENO, G.L. **Comunicação Significativa entre a criança e a Arte**. Revista do Professor. Abril/Junho, 2007, ano XXIII, N.90 ISSN 1518-1839.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicologia da arte**. Porto alegre: Sulina, 1976.

PALLARÉS, Zaida M. **Atividades rítmicas para o pré-escolar**. Porto Alegre: Redacta-Prodil, 1981.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Ministério da Educação, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>.> Acesso em 10 de outubro de 2017.

NASCENTES, Antenor de Veras. **Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1988.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: Evolução Histórica e Atualidades**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Metodologia do ensino da arte**. Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010.

SUBTIL, Maria José Dozza. **Reflexões sobre Ensino da Arte: Recortes Históricos sobre Políticas e Concepções**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.41, p. 241-254, 2011 - ISSN: 1676-2584 241.

TOZETTO, Henriqueta Kubiak. **Educação musical: a atuação do professor na Educação infantil e Séries Iniciais**. Curitiba: UTP, 2005. (Série Dissertações; 1).

VARELA, Noêmia de Araújo. **A formação da arte-educador no Brasil**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). História da Arte-educação. A experiência de Brasília. I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação/ECA/USP. 1 edição: São Paulo: Max Limonad, 1986.

VELLOSO, Rodrigo P. **Almanaque Abril 2007**. Ed. 33. São Paulo: Editora Abril, 2007.